

A BATALHA

Suplemento semanal — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Editor: Alberto Dias

Administrador: Domingos Afonso Ribeiro

Propriedade da COMISSÃO INTER-FEDERAL

Séde provisória:

Calçada Castelo Branco Saraiva, 42

Officinas: Rua da Atalaia, 114

Toda a correspondência para o APARTADO

N.º 329 — Lisboa

Número avulso \$30

ACÇÃO RECONSTRUTIVA

No quadrado da nossa página central do número passado, dizíamos:

Reclamações operárias — No movimento operário português está-se notando um ressurgir de actividades animadoras. De vários lados nos chegam notícias da acção desenvolvida por vários sindicatos, procurando evitar que se percam algumas das regalias que o operariado português disfrutava. Notamos, ainda, a preocupação pela reivindicação de novas medidas, com o intuito de levar o operariado a opôr-se ao avanço, do mal que nos atinge na nossa situação económica.

E' bom que assim revelemos o nosso interesse pelos nossos assuntos.

O que, porém, falta a essa actividade é uma maior unidade táctica, unidade que deve conseguir-se por um entendimento regular entre os vários organismos operários dispersos pelo país e os órgãos de coordenação: Federações, Camaras Sindicais e Central.

E' necessário, sem perda de tempo, que se estabeleça essa maior unidade, devendo começar as Federações e as Camaras Sindicais por levar a sua acção coordenadora o mais longe possível e os sindicatos operários por corresponder, prontamente, aos esforços que, naturalmente, lhes serão exigidos pela natureza das suas funções.

Com efeito, nada mais oportuno do que o que está sinteticamente exposto: a unidade táctica que resulta do entendimento de toda a organização sindical.

O nosso movimento, em Portugal, a parte as directrizes ideológicas consignadas nas resoluções dos Congressos nacionais e internacionais da A. I. T., sofreu sempre, mais ou menos, da falta de visão de conjunto quanto a certas regalias e reclamações de carácter geral.

Todavia, necessário é também frisar, essa visão, embora com certa morosidade, determinada pelo analfabetismo, ia-se acentuando à maneira que as massas se iam integrando no espírito da Central, pelas relações permanentes e activas que os Sindicatos iam adensando com os seus organismos federativos.

Acontecimentos reflexos posteriores levaram a organização sindical a certo abandono da acção e muitas das regalias noutros tempos conquistadas pelo proletariado desapareceram, crescendo assim o mal-estar económico que ora se atravessa.

Presentemente está-se assistindo ao ressurgir de novas energias, novas vontades se estão apresentando, enquanto que, por outro lado, as esmagadoras necessidades impulsionam as próprias massas trabalhadoras.

Sente-se o desejo de se sair do letargo que tantas e tão esperanças energias tem adormecido. São os organismos e as próprias massas a mover-se, mas parece que ainda tímidamente, como quem procura apoio no vácuo...

Não obstante — é necessário dizer-se: esse ponto de apoio existe! Reside nos próprios organismos sindicais federativos. Se os trabalhadores, individualmente, se apoiam uns aos outros pelos laços de solidariedade que os une nos sindicatos — os sindicatos encontram o seu ponto de apoio nas Uniãos, Camaras e Federações de Indústria, como estas encontram o seu ponto de apoio na Central, etc.

Há organismos que se movimentam sem terem em linha de conta as condições gerais da indústria de que são componentes — isto, sob ponto de vista operário. E assim resulta que esses movimentos, com tanto esforço gasto, resultam improficuos. O mesmo se dá com certos movimentos em relação às condições económicas sociais da localidade onde esses movimentos se produzem.

São anomalias — e não pequenas, valha a verdade... Pois todas estas anomalias desaparecerão à maneira que os sindicatos se vão integrando

(Continua na 6.ª página)

NA BELGICA

Uma ideia que devia servir-nos de estímulo

Constituiu-se em Bruxelas um grupo de estudos sociais de que fazem parte, entre outros, Ernestan, Hem Day, Lazarevitch e P. Mahni, que se propõe estudar em comum os problemas fundamentais que mais interessam ao proletariado.

O programa elaborado compreende os seguintes problemas:

Questões de actualidade: (os anarquistas e os sindicatos; a crise económica; a racionalização; as ameaças de guerra; o valor social dos movimentos nacionalistas, etc.);

Questões doutrinais: (marxismo e anarquismo; a revolução e o seu valor; síntese da anarquia, etc.);

Questões de cultura: (o problema escolar; cultura proletária; a arte nas suas relações com o movimento social, etc.);

Questões de tactica: (ditadura do proletariado; responsabilidade colectiva; terrorismo espontâneo e acção directa reflectida, etc.).

Liberdade, igualdade, fraternidade já não são o que eram no tempo da extinta guilhotina. Os políticos obstinam-se em não o compreender e é por isso que eu os desprezo. Querem eles revoluções só de superfície, de ordem política. Banalidades tudo isso. O que importa é a revolta do espírito humano.

Henrique Ibsen

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

PARADOXOS

Nem todos falaram

Aquela campanha do grande órgão deu-nos a impressão de tambor rufado por saltimbanco. A primeira vista parece não ter faltado ninguém à chamada, parece ter deposto toda a gente, tal a diversidade de temperamentos, qualidades e sciência dos depoentes. Foi dada a palavra do mesmo modo aos biliosos, linfáticos e sanguíneos, como aos sífilíticos, cardíacos, asmáticos, crónicos e não crónicos, e, até, aos próprios tuberculosos. Falaram médicos, ex-deputados, ministros, crónicos e não crónicos, comerciantes, proprietários e, simplesmente, vadios. Não faltou o «constante leitor» como não faltou, enquanto a campanha viveu, a constante asneira. Os alvíres e as ideias choeram qudsi na razão directa do crescimento dos tuberculosos. E dizemos qudsi porque aqueles afinal excederam em muito, apesar de tudo, o número destes. Mas a campanha chegou a ter fóros de sensacional no coração de oiro da honesta grande Imprensa. Atingiu o seu auge na altura em que um senhor, certamente bem jantado e aficionado, dizia, num depoimento que deve um dia envergonhar um seu neto inteligente, que o problema da assistência aos tuberculosos seria resolvido desde que se fizessem touradas, com touros de morte, em Vila Franca de Xira! Depois tudo passou. O tambor, prudente e inocente, deixou de rufar, para não perturbar o sono digestivo do bom burguês. E nada de novo apareceu debaixo do sol — a não ser mais um ou outro bacilo. Mas, tanto monta. Talvez mesmo que ele, o bom burguês, à imitação do velho enfermeiro Bernardo que só acreditaria nos micróbios desde que lhes apresentassem do tamanho de percevejos, não creia no bacilo, ou só o aceite quando lho mostrem do tamanho de uma operação bancária.

Quando num país determinada moléstia toma um caracter endêmico, o Estado costuma, para combater a epidemia com êxito e eficiencia, assenhorear-se das instituições particulares, que tratam da doença em curso, operando nelas uma amplificação e aperfeiçoamento concernente com a necessidade do ataque ao mal, ou, pelo menos, subsidiá-las, com fundos que se vejam, trabalhando, por seu lado, na criação de hospícios onde albergue as vítimas, recrutando médicos e tudo o necessário para as salvar, livrando-nos ao mesmo tempo, isolando-as, do seu contágio, quer dizer evitando a propagação da doença.

Isto não é uma ideia nova. E' uma coisa que se tem feito lá fóra, em muitos países, onde apesar de tudo, impera, pouco mais ou menos, a mesma ordem de coisas de cá e onde ainda ninguém se lembrou de criar um selo anti-tuberculoso. Cá, foi por onde se começou. Quere dizer, não foi bem pelo selo que começaram. Verdadeiramente, começaram por criar tuberculosos. Depois é que veio o selo. E isto porque quanto a sanatórios, continuam os mesmos; porque quanto à situação económica do operário, fonte única da tuberculose, continua a mesma; porque quanto à crise de trabalho de que sofrem os operários, continúa a mesma, e etc., etc., etc., como diz o personagem na zarzuela célebre.

Por isso nos quere parecer, salvo mais acabada opinião, que, neste inguêrito, nem toda a gente depôs. É que muito acima dos depoimentos dessa legião de estatutos e sá-gios melhor estaria a resposta de qualquer economista.

João Bravo

PREÇO DO CARVÃO



Nos últimos dez anos morreram de desastre, na América do Norte, 30.000 mineiros

SCIENCIA E REFORMA SOCIAL

por E. MALATESTA

As grandes descobertas científicas do século XIX e a crítica vitoriosa que a ciência opôs às mentiras e erros das religiões fizeram com que os espíritos progressivos se tornassem admiradores entusiásticos, se não cultores inteligentes e pacientes da Ciência, e exagerando, atribuísem a Ciência o poder de tudo compreender e tudo resolver: da Ciência fizeram uma Religião.

E os reformadores sociais de todas as espécies, isto é, todos os que com um fim qualquer e por qualquer meio pretendiam modificar a actual organização social, julgaram-se na obrigação de basear na Ciência as suas aspirações; ao passo que do outro lado os conservadores, quando viram que a fé religiosa vacilava e já não bastava para manter o povo sujeito, procuraram também justificar com a ciência o regime vigente.

Foi uma verdadeira embriaguez (não dissipada ainda), que fez perder o conceito claro da natureza, métodos e alcance da Ciência, em inteiro prejuízo da verdade científica e da acção social.

Ninguém ou quasi ninguém se salvou; e se nós, os anarquistas, escapámos do ridículo de nos chamarmos *anarquistas científicos*, foi talvez apenas porque o qualificativo de *científico* fôra já tomado e tornado antipático pelo socialismo marxista.

Com efeito, muitos dos nossos camaradas, e entre os mais beneméritos e ilustres, sustentaram precisamente que a Anarquia é uma dedução das verdades estabelecidas pela Ciência, não é até outra coisa senão a aplicação da concepção mecânica do universo aos factos humanos.

Quando afinal, a mostrar a falácia deste seu *cientificismo*, a mostrar que na realidade o seu anarquismo deriva dos seus sentimentos e não das suas convicções científicas, há a circunstância de eles continuarem sendo anarquistas da mesma forma ainda quando as ciências progredem e mudam; e, a despeito do objectivismo que professam, na prática não admitem os factos nem aceitam as teorias que pareçam contradizer as suas aspirações anarquistas.

E se não tivessem tido ocasião de fazer estudos científicos, ou não existissem as ciências, mantendo-se os conhecimentos humanos no estado em que se encontravam há séculos, provavelmente seriam anarquistas da mesma forma, porque, homens sensíveis e bons, sofreriam com a dor humana e desejariam dar-lhe remédio, e, homens activos e justos, revoltar-se-iam contra a opressão e queriam a liberdade completa para si próprios e para todos.

Demais, reconhecem a qualidade de anarquistas conscientes à imensa maioria de camaradas que ignoram a ciência; e quando fazem propaganda, fazem tal qual como nós, isto é, procuram despertar nos homens os sentimentos de dignidade pessoal e de amor pelos outros, esforçam-se por excitar a paixão da liberdade e da justiça, falam de bem estar geral e de fraternidade humana, põem em relevo os males sociais e suscitam a vontade de as destruir, sem esperar que a gente tenha estudado matemática, astronomia e química.

Estudar as ciências é coisa ótima, e diremos ainda para que servem.

Mas pretender que o anarquismo (e o mesmo se diga quanto ao socialismo ou a

qualquer outra aspiração humana) é uma dedução científica, pretender especialmente que é uma consequência duma daquelas vastas hipóteses cosmogónicas em que se compraz a filosofia, é uma coisa falsa por si mesma, e além disso nociva pelas consequências que pode ter sobre o desenvolvimento intelectual dos indivíduos e sobre a sua capacidade de combateres.

A ideia dum deus pessoal, criador de todas as coisas, que é a mais antiga, a mais ingénu e a mais grosseiramente absurda daquelas hipóteses, causou um dano imenso porque habituou a gente a crer sem compreender e, sufocando o espírito de exame, formou escravos intelectuais bem preparados para suportar a escravidão política e económica.

Mas não fazem porventura o mesmo as hipóteses científicas, quando apresentadas como verdades inconcussas e como motivo de acção a quem ignora a ciência nem está habilitado a julgar?

Que ele não basta uma ou outra vaga noção de verdades científicas, mais ou menos certas e o conhecimento de algumas palavras arrevezadas para fazer um sábio, ou pelo menos um homem que saiba o que diz e possa escolher entre as coisas que lhe dizem.

Para o grosso do público, Moisés e Haecckel são figuras igualmente míticas, e acreditar no *monismo* de um, e não na *gênese* do outro, só porque é moda no nosso ambiente, não faz uma pessoa menos ignorante, menos supersticiosa, menos religiosa. E falar aos profanos de *átomos*, *íons* e *electrones* (que são afinal hipóteses para explicar e relacionar certas categorias de factos, hipóteses cómodas, hipóteses úteis para a investigação científica, mas hipóteses, simples concepções mentais, e de nenhum modo descobertas positivas), falar, dizia eu, a quem as ignora, de coisas arcanas e incompreensíveis sem conveniente preparação, é o mesmo que lhes falar de Deus e de Anjos; isto é, ensinar palavras e fazer acreditar que são coisas, habituar a mente a contentar-se com afirmações que não se compreendem e não se podem provar nem definir.

Mudar-se-ia de religião, mas ter-se-ia sempre uma religião, no sentido de submissão cega a uma verdade revelada, que não se pode verificar, nem compreender.

E se fosse certo ser a anarquia uma verdade científica não seriam então verdadeiros anarquistas senão os pouquíssimos homens de ciência que se dizem tais, e os demais seriamos todos rebanho inconsciente, seguindo cegamente alguns sacerdotes iniciados nas razões da fé!

Nem há diferença nas deduções morais e nas aplicações sociais que se podem tirar das várias teorias cosmogónicas.

Os padres puzeram na boca de deus o que lhes convinha, servindo-se dele como meio para justificar e consolidar o domínio dos vencedores; mas não faltaram no curso da história rebeldes que em nome de deus pregaram a justiça e a igualdade. Diz-se que tudo sucede por vontade de deus e portanto não há remédio senão aceitar cada um com resignação a sua sorte; mas também se pode dizer que a revolta é santa, visto que, se acontece, é porque deus assim o quer. E pode-se dizer que, se deus é pai comum, nós somos todos irmãos e por isso

devemos ser iguais. Em suma, há para todos os paladares. E é sabido que Mazzini inventou um deus de bondade e de amor, de progresso que era inteiramente diverso do deus feroz de Pio nono.

Bakunine dizia que, se deus existe, o homem não tem liberdade nem dignidade. Outro pode dizer—e muitos com efeito o têm dito—que se tudo é matéria, se tudo está submetido a leis naturais, a vontade é uma ilusão uma quimera a liberdade, e o homem não passa dum autómato.

De modo que, se as convicções, as aspirações morais se basearem nos móveis alicerces das hipóteses filosóficas, não de ser sempre incertas e mudáveis. E assim como o católico, que assenta a sua conduta na crença em deus, fica sem critério moral apenas lhe é abalada a sua fé religiosa, assim também o anarquista, que realmente o fosse por convicção científica, teria de consultar continuamente os últimos boletins das Academias de Ciências para saber se poderia continuar a ser anarquista.

(Continuaremos.)

E. Malatesta

NA SUECIA

O movimento juvenil sindicalista

Na Casa do Povo Sindicalista de Estocolmo, celebraram-se no dia 22 de Junho o I Congresso da Juventude Sindicalista sueca, estando representados 17 grupos juvenis por meio de 22 delegados.

O camarada Albet Jensen, delegado da S. A. C., pronunciou um discurso de abertura, fazendo a história do desenvolvimento da organização sindicalista sueca e terminando com um chamamento aos jovens, que devem preparar o futuro do movimento sindicalista.

Adoptaram no Congresso uma resolução contra o alcoolismo, arma utilizada pelo capitalismo para embrutecer o povo e mantê-lo escravo.

Discutido o problema do desemprego, acordaram lutar pela redução da jornada de trabalho e o direito ao trabalho para todos os operários.

Depois da aprovação destas três resoluções, trataram de dar forma definitiva aos estatutos da organização juvenil, que serão publicados brevemente.

A organização será designada União das Juventudes Sindicalistas da Suécia, tendo o Congresso constituído um grande êxito para o movimento juvenil sueco!

Algumas palavras amargas sobre a Escola Portuguesa

Em Portugal tudo está por fazer. Notam-se aqui indícios de atraso, que não é fácil encontrar em qualquer outro país da Europa, pelo menos com traços tão acentuados.

Uma das provas evidentes da nossa inferioridade é a maneira como é encarado o problema do ensino, tanto pelos particulares, como pelas entidades oficiais. Dir-se-ia que estamos ainda, a esse respeito, respirando os ares do século XVIII. A miséria da Escola aí está a evidenciar essa triste verdade.

Esboçar o quadro da Escola, mostrando as suas deficiências, o que ela é, em todos os seus aspectos, já parece supérfluo, inútil. Isso tem sido feito milhares de vezes, e sempre baldadamente. Não vamos mais uma vez lançar palavras ao vento. Basta dizer-se que os telhados dos edifícios escolares, na sua maioria, estão arruinados a ponto de deixarem penetrar as águas das chuvas nas salas de aulas. Era assim no último inverno, e ainda é, porque não me consta que tenham sido distribuídas verbas para reparações. A limpeza e aquisição de expediente é feita geralmente à custa de subscrições entre os alunos ou entre os chamados beneméritos da instrução. Trata-se duma espécie de peditórios, deprimentes e de que os directores, preocupados, só lançam mão no último extremo.

O mobiliário escolar é de construção antiquíssima e está arruinado pelo uso. Há quanto tempo se não distribui mobiliário novo! A respeito de material didáctico, as mesmas deficiências e faltas. Escolas existem que não têm um mapa ou uma esfera em condições de poderem servir. E vulgarmente, neste particular, o pouco de bom que existe, é adquirido pelo professor, à custa dos seus esforços, dos seus peditórios.

Este facto é concludente em demonstração do atraso de Portugal. Um país que não cuida, a sério, do seu problema escolar não deve querer progredir, não deve querer aperfeiçoar-se e caminhar desembaraçadamente para melhores dias. E digo um país, porque me parece, que, no assunto, não têm só culpas os estadistas encartados, mas as classes privilegiadas que os apoiam e que mobilizam a opinião.

A incapacidade dos homens de estado

mostra-se nisto, como em tudo. Enquanto por esse mundo fora, (e não é preciso citar a Alemanha, a Inglaterra e a Suíça como exemplo, basta citar a Espanha, a Suécia, a Bolívia, o Chile) os governos há muito se propuseram a gastar com a sua instrução avultadas parcelas dos seus orçamentos e a olhar com interesse pela Escola Popular, aqui faz-se precisamente o contrário e nota-se um desprezo absoluto pelas coisas respeitantes ao ensino primário. É ver-se, além do mais, a forma deprimente como se trata o professor, quanto a vencimentos.

Lá fora compreende-se que a criança e o futuro, bom ou desgraçado, dum povo. Compreende-se que a redenção política, económica e moral da sociedade, resid em criança, nos seus nervos, no seu sangue, na sua alma. E, por isso, pondo de parte o egoísmo oportunista, materialão, da hora que passa, e lançando vistas à frente, homens de acção, dentre eles alguns governantes, instituições várias, umas oficiais, outras particulares, pedagogistas, cientistas e escritores deitaram-se todos a trabalhar pela criança, e fundou-se o ensino em bases mais humanas, mais próprias ao conseguimento dum melhor bem-estar social.

Que se faz aqui? Nada! Deita-se tudo ao abandono, deixa-se naufragar a própria criança, que é a vida caminhando, que é o futuro, que é o ideal de amanhã.

Onde estão os pedagogistas de Portugal onde estão os nossos moralistas da ideia nova, os nossos escritores de actividade renovadora, os nossos cientistas e filósofos que não reparam no mal que se faz, deixando derruir a Escola, deixando naufragar a criança, deixando comprometer o futuro?

Se ainda há alguém com forças e com ideias para entrar a valer na campanha em favor da Escola, que é o mesmo que em benefício da criança, apareça. Eu, cá estou, para ajudar.

M. O.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

NOS ESTADOS UNIDOS

Rescaldo da greve dos têxteis de Gastónia

Por ocasião da greve dos têxteis de Gastónia, N. C., foi assaltado pela polícia o campo onde viviam os grevistas, tendo caído nessa ocasião morto o chefe Aderholt.

Acusados da sua morte foram recentemente julgados pelo Supremo Tribunal do Estado sete operários, que sozinhos as seguintes condenações: Fred Erwin Beal, Jorge Carter, José Harrison e Mille de 17 a 20 anos de prisão; Mc Ginnis e Mc Laughlin de 12 a 15 anos; e Hendricks de 5 a 7 anos.

Na Califórnia, continuam encarcerados por toda a vida, os operários Tom Mooney e W. Billings, apesar das testemunhas que depuseram contra eles já terem declarado, que o fizeram falsamente.

NA INDIA

A situação agrava-se

As condições económicas da Índia continuam piorando, devido ao cerrado boicote que os indianos praticam contra as indústrias estrangeiras, particularmente contra os artigos de procedência britânica. Isso causa a ruína de numerosos pequenos comerciantes, que têm consignados artigos daquela procedência.

Paralelamente sente-se a medida nas fontes de produção inglesa, que vêm abarrotando de mercadorias os seus armazéns, aumentando por esse facto, a desocupação.

Notícias posteriores dão como quasi terminada a desobediência civil na Índia. Até Ghandi, teria, a dar crédito a essas informações, enviado uma carta ao vice-rei. Porém nada há que nos confirme tal notícia. Assim poderemos, ainda, afirmar que esse belo gesto da desobediência civil continua a fazer sentir os seus efeitos na Índia, preocupando os funcionários ingleses, encarregados de velar pela ordem.

Uma referência amável

ao nosso jornal

O aparecimento do nosso jornal deu origem a inúmeras referências, às quais não aludimos, por em muitos delas estar, claramente, indicada a procedência: o hábito de felicitar os jornais que se publicam. As restantes, àquelas onde notamos sinceridade, bastaria o que dissemos duma maneira geral, a todos atingindo portanto.

Mas foi-nos enviada a revista «Política» onde lêmos uma referência, saindo fóra do uso. Diz ela:

«Ao aparecimento de «A Batalha». Porta-voz da organização operária portuguesa iniciou a sua publicação o semanário A Batalha.

Tem por fim intensificar a acção sindical portuguesa—independentemente de facções e de partidos. Jornal bem feito, sem intolerâncias que o desprestigiem nem lugares-comuns da retórica liberal que o banalissem—impõe-se à nossa simpatia.

Pondo pois de parte tudo quanto nos separa, saudamo-lo efusivamente, por tudo quanto nos une. E isto da nossa parte significa que sabemos destrinçar o trigo do joio, incitando e ajudando os verdadeiros amigos dos trabalhadores, ao mesmo tempo que combatemos sem tréguas aqueles que só se dizem estar com eles para melhor os oprimir e os explorar.

Como fizeram os tribunos da propaganda democrática, já-to-hão se os deixarem, os caixeiros viajantes de Moscou. Atenção, portanto, operários de Portugal, que as palavras da insidia e da mentira vos não perturbem e que um dia, abatido o que nos divide, sejamos todos aliados e amigos contra o capitalismo de Israel, que nesta hora cinzenta domina o mundo—substituindo a máquina ao homem, subordinando a vida ao dinheiro, anulando tudo o que é elevado, e nobre, e heroico, escravizando, fazendo reinar a miséria, espalhando aos quatro ventos a dor e a revolta!»

Não teríamos motivos para surpresas se tais palavras, parecendo de amigos, partissem de um sector que de algum modo tivesse pontos de contacto com o movimento dos trabalhadores, que tende—não o esqueçamos—para a sua emancipação integral.

Mas não. Com os amigos que nos saúdam não temos quaisquer pontos de contacto. Eles desejam uma regressão social, a volta a uma sociedade medieval, com essa divisória grotesca e incompreensível no nosso tempo: senhores e escravos. A sua actividade encaminha-se para um refinamento social, pelo desenvolvimento das castas, num helenismo cheio de beleza, é certo, mas apenas para os que dele disfrutem. Os trabalhadores essa massa anónima, sem possibilidades de ascender à aristocracia—embora esta seja aberta, como afirmam—teria essa missão nada nobre, nada dignificante—mesmo para os senhores—de buiros de carga, de escravos arrastando a grilheta.

Não. Nós não desejamos uma tal sociedade.

O nosso movimento emancipador olha para diante, pretende uma organização social onde tais factos, tal *modus operandi*, não sejam possíveis.

Pode parecer que sendo adeptos do sindicalismo perfilhamos o sistema italiano, em Portugal a quererem-no adoptado: junção do movimento sindical operário com o movimento sindical patronal, por meio do estabelecimento das corporações. Não, amigos, não. Isso é muito interessante para quem veja mais o interesse de casta que os interesses da humanidade. Nós pretendemos a supressão das castas e das classes, lutamos por modalidades orgânicas onde tudo esteja arrumado, sem que este imponha àquele a sua vontade e aquele viva do esforço deste, num maravilhoso palácio, de belos mármore e quadros, com jardins onde as fontes cantem e os escravos reguem os canteiros de flores.

Isso é muito bonito, na verdade, queridos amigos, pombos inocentes deste encantador Portugal! Mas esse bonito reside, apenas, no exterior. Dentro há a mesma podridão de hoje, de ontem, de sempre, enquanto os trabalhadores, não apearem de todo, a organização social da actualidade.

Por isso nada nos une; tudo, pelo contrário, nos separa.

Lêr e propagar «A Batalha» é o dever de todos os trabalhadores.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Influência sobre o movimento operário na América

Aspecto da actividade dos dois sectores marxistas e acção desenvolvida pelos reformistas

Igualmente como sobre o movimento operário do mundo atuam duas tendências, nas organizações de trabalhadores da América, que têm, ainda que por distintos motivos, interesse na conquista espiritual do proletariado continental, sucede o mesmo. São essas tendências o marxismo e o anarquismo, dividida a primeira por sua vez em em dois sectores: reformismo e bolchevismo que perseguem, não obstante, o mesmo objectivo final.

Mas o trabalho que realizam as tendências marxistas e anarquistas no movimento operário da América, e não só o trabalho, como a forma de penetração de uma e outra tendência, é absolutamente distinta. Qualquer dos dois sectores do marxismo, colocados em luta aberta, consequência da revolução russa, ostentam a mentira por divisa.

Não poderia ser doutra maneira, porque ao apresentarem as suas ambições sem cobri-las com o véu do idealismo, equivaleria a terem de se suicidar colectivamente. Tanto a sucursal estabelecida por Moocovo em terras americanas, como a central criada pelo reformismo com vistas à hegemonia sobre o movimento operário continental, respondem aos fins particulares, respectivamente, do governo russo e do capitalismo norte-americano.

O reformismo estabeleceu, posteriormente á guerra europeia, o seu centro de acção nos Estados Unidos, na chamada *American Federation of Labor*, e daí dirige os seus ataques ao movimento operário da América, antecipação segura ou complemento das manobras capitalistas, que procuram a dominação de todos os países do continente.

A circunstância de que esta organização permaneça completamente à margem da Federação Sindical Internacional de Amsterdã, é interessante. Evitam, assim, comprometer a sua independência de acção por um contacto mais ou menos estrito com aquele organismo, que agrupa todas as centrais reformistas da Europa. Ora nada evitaria esta fusão, dado que se desenvolvem num mesmo plano teórico. Agregada à demonstração prática da obra realizada, serviria para deduzir, até que ponto a *Federation of Labor*, corresponde aos interesses do capitalismo norte-americano. Esta revelação do livro aparecido recentemente, que insere o serviço de imprensa da A. I. T. (Labor and Internationalism), provoca ondas de luz sobre as origens desta organização, tanto mais quanto ele faz a publicação de documentos do seu arquivo. Até que ponto a *Federation of Labor* (Federação do Trabalho) corresponde aos interesses do imperialismo norte-americano?

Se a Federação Sindical Internacional de Amsterdã, para a qual o capitalismo reservou uma repartição especial que serve de ponto de convergência e de colaboração, na Sociedade das Nações, não vacila em intervir nos problemas que se relacionam com a reconstrução capitalista, ao terminar da guerra europeia, não há que estranhar-se o facto de, com o mesmo direito, a Federação do Trabalho, se prestar também a ser instrumento directo do capital norte-americano, e não desejar, por consequência, contactos que impliquem compromissos com as organizações reformistas do velho continente.

Uma fórmula comum, a famosa divisa de Monróe, serve para disfarçar a intervenção do capitalismo e dos seus agentes, os dirigentes da Federação do Trabalho.

Com o pensamento de Monróe, «a América para os americanos», intenta o capitalismo, fingindo a defesa da independência da América evitar a intromissão europeia e estender seu protectorado sobre as repúblicas mais débeis, protectorado que encobre a mais grosseira sede dominadora. O capitalismo norte-americano procura iludir o controle económico das potências europeias para o implantar ele próprio.

A Federação do Trabalho Americana, serve de instrumento a estes fins imperialistas, cuja missão consiste em penetrar nos movimentos que poderão constituir um princípio de resistências às manobras de Wall Street, e trabalhar no seio dos mesmos, limpando asperesas e conquistando vontades.

Mas para isso é necessário invocar os interesses do trabalhador, falar da sua defesa e da sua unidade num grande bloco continental. Assim, na ansia de edificar sobre a base do reformismo um movimento continental de organizações operárias, que respondam às directivas desta famosa Federação sem prestígio, oculta-se o baixo interesse da camarilha dominante, que desde o bairro dos banqueiros intenta ditar a sua vontade aos países do continente.

A organização reformista carece de prestígio entre a grande massa continental de trabalhadores. Tem procedido em aberta colaboração com o governo da grande república do Norte, e não poderá já ganhar posições no grosso dos países da América.

Existe no continente uma pronunciada repulsa pela yanquilândia, pelos seus actos de rapacidade. Conhece-se a forma por que procede e daí essa repulsa que alcança também a Federação do Trabalho, a guarda avançada do capitalismo norte-americano.

Alóra a C. R. O. M. (Confederação Regional Operária Mexicana), organização reformista em decomposição, que corresponde por completo ao fins do governo socialista do México, não há na América núcleos operários que respondam à Federação do Trabalho Americana.

Uma pequena organização reformista existente na república de Honduras, apesar da proximidade dos Estados Unidos e sujeita às manobras dos agentes da Federação do Trabalho, por um espírito anti-yanqui, suscitado como reacção ao banditismo daqueles capitalistas, corresponde muito melhor às directivas da Internacional Sindical de Amsterdã.

O mesmo pode afirmar-se da C. O. A. que, apesar de não existirem diferenças teóricas e ocupar o mesmo plano reformista, manifesta a sua preferência pela Internacional Sindical de Amsterdã.

Tudo isto significa a ausência de influência real do reformismo sindical personificado pela Federação do Trabalho no movimento operário da América.

A sua influência limita-se àqueles países onde o capitalismo yanqui exerce nas indústrias e no mercado grande preponderância, representando essa influência para o capitalismo a garantia de um proletariado pacífico, que pela rota da colaboração é desarmado e entregue manietado ao seu poder voraz.

Acidentes de Trabalho

Uma rectificação

«De José de Sousa recebemos uma carta onde diz não serem exactas duas passagens que lhe são atribuídas no nosso relato do número anterior sobre acidentes de trabalho.

Eis a parte da sua carta onde rectifica o nosso relato, nos pontos que lhe dizem respeito:

«Alonga-se (J. de Sousa) num combate à organização operária e aos seus objectivos. E mais adiante: José de Sousa ataca a organização operária e as considerações feitas em sua defesa.

O camarada reporter confundiu organização operária com anarquismo e sindicalismo libertário, concluindo que atacar estes era atacar aquela. Eu não ataquei a organização operária a quem, pelo contrário, há 15 anos venho dedicando o meu esforço. Ataquei tão simplesmente a tendência que, pretendendo possuir o monopólio do sindicalismo, tem aliado, do movimento operário onde impera, todos os que não comungam nas suas ideias, reduzindo os organismos centrais à sua expressão mais simples.»

Não sabemos porque J. de Sousa vem rectificar, porquanto a sua carta só confirma os seus ataques à organização operária. Diz que não atacou a organização operária mas sim a tendência que prepondera e a orientação daquela. Entendamo-nos: Quem determina a orientação ao movimento operário e a qualidade dos militantes em actividade? Naturalmente, a massa trabalhadora. Ora se esta nos congressos nacionais e confederais determinou a actual orientação da Central e deu a sua confiança aos militantes que nela actuam, atacar a tendência do movimento operário—consequência da vontade dos trabalhadores organizados, não o esqueçamos—é atacar a própria organização, mais, a própria massa trabalhadora? J. de Sousa não fez outra coisa. Chegou mesmo a pretender sobrepôr, grotescamente, de resto, a sua vontade à dos trabalhadores organizados.

Nada mais teríamos a acrescentar se J. de Sousa não aproveitasse a oportunidade para afirmar que a organização operária está enfeudada a uma tendência e esta tem aliado todos os que não comungam nas mesmas ideias. Isto não é verdadeiro. A organização operária recebeu, como já se disse, a sua orientação em congressos vários, tendo saído, por sua vontade que não expulsos, os que nela agora não estão, porque pretendiam dar-lhe uma directriz política-partidária, o que não conseguiram. E a prova disso está no facto de a tendência que prepondera, como afirmam, merecer, ainda, a simpatia das massas organizadas na Central, como o prova o apoio recebido em todas as fases da luta e, recentemente ainda, o acolhimento feito ao nosso jornal.

Por outro lado da organização operária nunca ninguém foi afastado por pensar desta ou daquela forma. Os que se afastaram é porque não se sentiam à vontade e não tinham a confiança das massas. Portanto são mal intencionados e escondem os seus verdadeiros objectivos, os que espalhem que dela se alijaram os que não comungavam nas nossas ideias.

Mas sempre assim foi. Quem tem os defeitos, atribui-os aos outros, num desejo manifesto de desviar a atenção dos que observam, atropelando-a com insinuações.

EM FRANÇA

As greves do Norte e o Congresso dos Mineiros

Terminou a greve do Norte por um compromisso de arbitragem. Os operários grevistas, aconselhados pelos seus chefes, aceitaram promessas vagas e indefinidas de estudos sobre a situação económica e sobre a questão do custo da vida.

Acabou pois o conflito sem vencedores nem vencidos. A situação não se modificou, apresentando-se o problema dos salários cada vez com mais gravidade.

* * *

O Congresso dos mineiros de Pas-de-Calais reuniu-se em Lens. Porque as companhias mineiras não prestam atenção alguma às reclamações dos operários acerca dos salários e férias, foi resolvido nesse Congresso uma paralização de 24 horas no dia 6 de Outubro.

Mais vale um tempo em que prevalece a tirania e em que sofre o escravo, do que um tempo em que adormece a tirania porque se submete o escravo.

George Sand

NECESSIDADE DE PROPAGANDA IDEOLÓGICA NO MOVIMENTO OPERÁRIO

Procedamos hoje a uma análise serena das causas do quebrantamento do espírito revolucionário do proletariado para termos quais as razões que determinariam o seu estado actual, e que possibilidades terá de aceitar a nossa propaganda.

Não quero fazer crer que em todos os tempos, ou pelo menos nos mais próximos, a propaganda tenha sido pouco incisiva e totalmente desprovida de factores persuasivos e transformadores. Pretendo apenas provar que nem sempre houve uma noção clara de psicologia humana e especialmente do nosso povo, e que por demasiado escrúpulo de mentalidade, os militantes olhavam sempre mais ao número do que à qualidade, mais à organização forçada do que a uma outra, possivelmente mais do que metódica. O simplesmente sindicalista predominou, fazendo interessar, exclusivamente, as conquistas imediatas e interessando-se por parcelas das necessidades da luta operária. Tornaram uma luta, que devia compreender-se no amplo sentido da emancipação integral e da melhoria económica e moral do proletariado em geral, em simples colisões corporativas.

Houve, como sucede em todas as causas, uma propaganda a contrabalançar esse recuo da luta proletária, de classe contra a classe, mercê da crítica exercida pelos anarquistas no seio das organizações de classe. Mas cada acção de luta de classes que se exerce pelo sindicalismo, e na qual os anarquistas interveem para a impulsionar, o mais intensa e exclusivamente possível, não provém dum qualquer sistema teórico. Vem, antes, da oposição dos interesses de classe que nos levará a provocar o seu desaparecimento, a realizar as nossas aspirações.

Eis por que o papel dos anarquistas nos sindicatos, se deve à necessidade da sua crítica se exercer com o objectivo de levar o proletariado, dentro da sua luta de classes, a apropriar-se de todo o património social, tomando conta da gestão social e da produção.

Os agrupamentos operários, como não são

específicos em doutrina, reúnem por condição profissional ou de indústria, e, por este gregarismo, inclinam-se para se tornarem conservadores, até mesmo naquela acção chamada de melhoria económica. Este conservantismo ocasiona o desenvolvimento do messianismo político, a confiança das «élites» superiores numa política ortodoxa, e a confiança nos métodos dolentes do parlamentarismo. Daí a inclinação dalguns agrupamentos operários para aceitarem os métodos marxistas.

A crítica anarquista terá como vantagem desenvolver a mentalidade anti-capitalista e libertária dos trabalhadores, exercer uma influência que impulse os trabalhadores para as mais amplas iniciativas. Os anarquistas serão pois, contra todos os sistemas que pretendam forçar a acção operária, inclinados a para aceitar quaisquer que sejam as suas possibilidades e a sua preparação, o Estado, afastando-lhe a possibilidade de cimentar os sustentáculos da sua libertação, de dar satisfação integral às suas aspirações de liberdade.

A crítica anarquista é necessária. E é o tanto mais quanto mais adverso for o campo onde ela se exercer. Será o espírito insatisfeito, a ideia viva da verdadeira meta que a humanidade tende a alcançar.

Ainda mesmo quando se trata da acção parcial das lutas económicas e imediatas que os anarquistas consideram importantes, essa crítica deve fazer-se sentir com o fim de, o proletariado, fora do terreno da acção parlamentar ou política partidária, ter a noção de que as suas melhorias económicas são a satisfação das necessidades da sua individualidade em luta contra o capitalismo e suas instituições. Elas só podem ser obtidas por uma luta de todos os trabalhadores contra o sistema que o reduz à condição de proletários. Os anarquistas, nos sindicatos impelem o proletário nas suas reivindicações, não para reformas parciais, mas para uma luta que arranque ao capitalista o máximo do que lhe facilita o exercício do poder.

E. S.

NA INDO-CHINA

A civilização francesa

A Tribuna Indo-chinesa dá as seguintes informações acerca da acção civilizadora da democracia francesa:

«Aldeias inteiras bombardeadas. (A aldeia de Co-Am de 7.000 habitantes foi completamente destruída por cinco aviões voando a baixa altitude, atirando 50 bombas de 12 quilos).

Execuções abomináveis e bárbaras: Três golpes de «gongs» lúgubres. O carrasco levanta com as duas mãos um sabre. O seu resplendor ao sol. Um golpe seco. A cabeça não caiu. A mão do carrasco caiu sem dúvida. Mais três vezes a navalha sangrenta cai sobre o pescoço. A carnificina depressamente repete-se para o segundo condenado. Em 8 de Maio.

Frições em massa: 25.000 presos em três dias. A França trouxe à Indo-China a fome, a miséria e a morte.

A fome:—Em Tonkin um homem tem necessidade para seu consumo anual em média, 337 quilos de alimentos. Agora dispõe de 21 quilos. Falta-lhe mais dum terço do necessário.

A miséria.—Salário diário dum «coolie» indo-chino: 4 francos. Duração do trabalho: 12 horas.

A morte.—Mortalidade espantosa dos operários nos infernos das plantações, de 60 a 80 por mil (estatísticas oficiais publicadas pela Revista Económica da Indo-China).

Oscar Wilde

É a propriedade...

...Quando a propriedade privada for abolida, não haverá mais necessidade nem excitação ao crime; ele cessará de existir. Todos os crimes, todavia, não são crimes contra a propriedade... mas, embora não ataque a propriedade, o crime pode resultar da miséria, da irritação e do abatimento produzidos pelo nosso injusto sistema de possessão. Assim, quando este for abolido, o crime desaparecerá. Quando cada um dos membros da sociedade possuir suficientemente para as suas necessidades, e quando o seu vizinho não interferir no que lhe diz respeito, não haverá para ele nenhum interesse em intervir no que diz respeito aos outros.

Oscar Wilde

...Quando a punição desapareceu de todo, o crime ou cessará de existir ou, se se produzir, será tratado pelos médicos como uma forma tristíssima da demência, a fim de ser curado pela doçura e pelos cuidados. Porque esses que chamamos hoje criminosos não são absolutamente criminosos. A miséria, e não a perversidade, é a mãe do crime contemporâneo.

Oscar Wilde

PELA CONSTRUÇÃO CIVIL

O salário mínimo vai ser realidade

O Sindicato da Construção Civil reclama uma unidade de salários, partindo daqui para o salário mínimo

De há muito que a Central Operária vem pugnando pelo estabelecimento de salários que deem aos trabalhadores uma maior capacidade de compra e, ao mesmo tempo, provoquem um equilíbrio estável entre os salários nas diferentes regiões e, mesmo, dentro duma localidade, evitando, desse modo, as anomalias que se registam. Essa medida não podia ser esquecida pelos trabalhadores, sobretudo por aqueles que ainda se preocupam pelas suas condições de trabalho, e, por isso, se verifica um certo interesse por ela.

Porém, o interesse até hoje mais vincado deve-se aos Operários da Construção Civil de Lisboa, que se movimentam, por intermédio do seu respectivo sindicato, no sentido de reclamarem das entidades que exploram a Indústria da Construção Civil a fixação dum salário uniforme, salário esse que terá uma base mínima para os componentes das diversas classes da Construção Civil, e acima do qual o patronato deverá pagar a cada um segundo o seu maior grau de capacidade profissional.

Por acharmos este movimento de grande alcance social e económico, e tanto mais quando é certo, como já afirmámos, este importante problema ter merecido uma cuidada atenção por parte da Central Operária, Federações de Indústria e Câmaras Sindicais do Trabalho, quizeamos ouvir sobre ele o secretário geral do Sindicato da Construção Civil de Lisboa.

Começou por nos dizer, ao ser interrogado:

«Sobre o assunto posso dizer-te que, a indústria da Construção Civil vem de há tempos atravessando uma enorme crise de trabalho. Essa crise deve atribuir-se à grande oferta de braços, aproveitando-se dela os industriais e construtores civis, que naância de maior exploração, vão pagando cada vez menores salários. Isso tem dado origem a uma enorme disparidade nos salários que variam sensivelmente de obra para obra, de oficina para oficina. Por tal motivo resolveu o Sindicato da Construção Civil de Lisboa em face duma circular recebida da respectiva Federação de indústria, iniciar este movimento que vem tendo o seu curso normal em todas as secções profissionais que compõem o sindicato, como sejam Canteiros, Pedreiros, Pintores, Carpinteiros e Serventes que têm reunido em sessões magnas, onde têm sido aprovados os pontos de vista do sindicato.

Não só aquelas secções compõem o sindicato: Outras há mais que se vão movimentar, como a secção dos Estucadores. Também procuramos fazer reunir a numerosa classe dos mecânicos em madeira. Independente disto, já, na Secção Sindical de Belém, se efectuou uma importante reunião sobre o assunto. Mais reuniões se vão efectuar nas secções sindicais de Palma, Beato e Olivais etc. Devo acrescentar que toda esta acção tem sido acompanhada com a distribuição de alguns milhares de manifestos entre os componentes das diversas classes da construção civil.

Com o nosso movimento, pretendemos opor um travão à desenfreada exploração de que temos sido vítimas, procurando estabelecer uma unidade de salários para evitar a especulação que alguns construtores civis e mestres de obras, fazendo de tal forma os salários, reduzindo de tal forma os salários que tem face do custo sempre crescente do mais indispensável à vida, tem tornado esta um verdadeiro martírio para aqueles que ainda conseguem obter trabalho e que só do recurso do mesmo vivem.

—Quais são os salários que presentemente auferem os operários da Construção Civil?—preguntamos.

—Uma verdadeira miséria!... Os profissionais auferem salários que variam de 16 a 22 escudos, sendo o número destes, porém reduzidíssimo. Os serventes então—esses, vítimas ainda duma mais desenfreada exploração—auferem salários que variam entre 13 a 15 escudos, havendo apenas os serventes que trabalham por conta do Conselho Técnico da nossa indústria, que auferem o salário de 17\$50 por dia. Será possível viver-se com tão irrisórios salários?... De facto vive-se, mas como?... Verifica-se dia a dia o nosso depauperamento físico e o de nossos filhos e companheiros. A continuarmos nesta situação vermos-nos, dentro em pouco, reduzidos a simples farrapos humanos.

«Podes acrescentar—diz-nos—que esta triste situação, em que se encontram de resto todas as classes trabalhadoras, tem contribuído grandemente para o apavorante

aumento da mortandade pelo terrível flagelo da tuberculose.

A unidade de salários que reclamamos—continua—será base para estabelecer o salário mínimo. Eis a tabela que elaboramos: Canteiros, 24\$00; Polidores de Mármore, 22\$00; Carpinteiros, 24\$00; Pintores, 24\$00; Pedreiros, 23\$00; Serventes de Pedreiro, 19\$00 e caelios 16\$00. Como já disse, faltam ainda pronunciar-se as classes dos Estucadores e Mecânicos em Madeira. Estes salários são para oficiais. Para meios oficiais e aprendizes, reclama-se que os salários sejam elevados paralelamente em conformidade com as habilitações profissionais de cada um. Como se verifica não há exagero nos salários que reclamamos, porquanto o reclamado ainda não é, de forma alguma, um salário que nos dê margem para uma vida desafogada. Porém isso atenuaria um pouco a terrível situação presente.

—Mas alguns operários da Construção Civil não têm salários mais elevados do que o mínimo que as secções do vosso sindicato reclamam? Como resolvem esse assunto?

—Está tudo previsto nas circulares enviadas a todos os mestres de obras, construtores civis, e industriais. Aí se salvaguarda os salários mais elevados que por ventura existam presentemente.

Para pôr em andamento normal e rápido esta nossa reclamação iremos convocar todo o operariado da Construção Civil para uma sessão magna. Nela será apreciado em conjunto, um trabalho coordenado da acção de todas as secções sobre este importante assunto. Entretanto já se estão estabelecendo negociações com os industriais, mestres de obras e construtores civis sobre as reclamações apresentadas.

—Espalha-se que irão para a greve?

—Não pensamos nisso. São coisas que os pescadores de águas turvas espalham para ver se assim conseguem desviar a acção que vimos desenvolvendo. Não pensamos em fazer greve, volto a afirmá-lo, porque a nossa reclamação é tão justa e humana, que estamos convencidos seremos atendidos. Isto até interessa aos construtores civis e

industriais, porquanto evita aquela concorrência desleal que uns fazem aos outros nos orçamentos dos trabalhos que pretendem tomar, devido precisamente à disparidade de salários existentes. A prova de que não pretendemos ir para a greve está na cópia deste ofício que enviamos ao Sr. Governador Civil, no qual lhe comunicamos o movimento em trânsito e o nosso desejo de que ele seja regularizado sem atritos entre as partes interessadas, com o que todos teremos a lucrar. Essas tabelas postas em curso, com reserados fins, não pegam. Sabemos bem o que fazemos e o que queremos.

Ainda desejamos registar outro facto:

Como é sabido os operários da Construção Civil, devido às suas condições de trabalho, não têm estabilidade, sendo vulgar observar-se um operário que está em determinada obra a ganhar um salário de 22\$00 ou mais, ao terminar esse trabalho, e ir para nova obra ou oficina receber um salário que muitas vezes não excede 18\$00 ou 19\$00, quando o profissional e o trabalho são os mesmos.

Por isso e por outros factores citados e não citados é justíssima a nossa reclamação. Os salários que presentemente se auferem não chegam, só, para a despesa a fazer com a alimentação. E como nos vestimos e calçamos? Não temos, também, o direito de recrear o nosso espírito depois de um trabalho quotidiano? Afigura-se-nos que sim. Porém acima de tudo queremos que as nossas férias, pelo menos, cheguem para suprir os encargos dos nossos lares.

—Sobre crise de trabalho na vossa indústria?

—Neste momento não é tão intensa como era aqui há meses, e isto devido a determinadas medidas tomadas pela Câmara Municipal e Governo, medidas essas reclamadas a estas entidades pela nossa Federação de Indústria e Sindicato da Construção Civil de Lisboa. Mesmo assim ainda notamos muita falta de trabalho.

A crise de trabalho existente por esse País fora, que faz convergir para os grandes centros centenas de camaradas nossos acaçados pela miséria, comorre para que aqui, ela não seja facilmente solucionada. Também para isso concorre o abuso das horas suplementares, facto este que para não ter mais amplitude, evou o sindicato a reclamar o insólito cumprimento da lei do horário de trabalho e a fazer a nomeação de delegados fiscais, para evitar a continuação

(Continua na 6.ª página)

E' PRECISO MUITA PROPAGANDA PARA ACTIVAR OS TRABALHADORES

Um dos assuntos que mais pronta solução exige, é, quanto a mim, e como muito bem disse o camarada E. S., o da propaganda.

A falta de propaganda ou por outra, o divórcio que os caudilhos da República, estabeleceram entre eles e o povo depois desta proclamada, foi sem dúvida alguma o principal factor, para o desinteresse que este começou a manifestar, por tudo quanto à República dizia respeito.

Para remediar este mal, ou como mero lenitivo, diariamente se ouve censurar a acção daqueles, que se importam mais com a taberna ou com os Clubes de Futebol, do que com o seu sindicato profissional quando, afinal, se atendermos bem às causas originárias do mal apontado, e ao elevado número dos operários que não sabem ler, e, mais ainda, aos que não sabem o que lêem acabaremos por concluir que os censurados não são eles, que por um defeito de educação ou por uma tara individual, procuram no uso e abuso do álcool e Sports, o esquecimento da miséria que os atormenta e da fome que os mina.

No proletariado, classes há, que pela falta de preparação intelectual, e pela escassez de elementos de luta, lhes será impossível alcançar a sua emancipação, se outras ou outros os não educarem, pela palavra, pela escrita e até pela acção. Destacarei por ser aquela que mais mal vive, e mais necessita ser despertada, a classe dos rurais; vítima contínua de todos os esquecimentos e de todas as situações.

Eu sei, que uma boa parte dos camaradas muito já têm feito, no que à propaganda se refere. Porém, mais é necessário.

Deveria ser entre eles que, diariamente, hora a hora, a exemplo do padre, do religioso e do retrógrado, a propaganda se fizesse sentir, de preferência entre os mais novos.

Seria entre eles, e até alvejando os escravos campos, que eu, de preferência semeava os grãos propulsores do futuro. E se procurava de preferência, o homem dos

campos, é porque, conheço um pouco esse vasto alentejo, e com ele os vastos tratos de terrenos por cultivar, a indiscutível necessidade de o rasgar com canais de irrigação; de o perfurar com poderosas albufeiras e de o retalhar de lés a lés com possantes linhas férreas.

A crise corticeira devia estar resolvida, de há muito, com a promulgação de medidas, que fizessem dela aquilo que ela devia ser: uma fonte de riqueza, para a própria terra que a produz. Para isso bastaria, a proibição imediata da exportação de toda a cortiça por manufatura; a realização duma convenção com o governo espanhol, para a criação dum mercado central de produtos corticeiros em Lisboa; a isenção de direitos alfandegários na entrada da maquinaria importada e destinada à manufatura da cortiça; e, ainda, a isenção de impostos de qualquer espécie, acrescida de todas as facilidades, aos prédios construídos para fabricação de artefactos de cortiça, ou qualquer indústria, que com a cortiça se relacionasse.

Isto até agora tem sido, se não desprezado, pelo menos quasi.

Volte-se pois à propaganda honesta, sincera e construtiva. Propaganda de instrução, de ordem e de levantamento moral e intelectual; propaganda, que mostre claramente às classes produtoras, o lado crítico do momento convulsionado que passa, momento agitado e confuso, sobre o qual a humanidade caminha sem cessar, inflexível nos seus principais pilares—a ciência, a arte e a indústria—base fundamental de todo o bem estar.

Digamos aos camaradas dos campos como das cidades, vilas e aldeias, que só pela União e pela Educação, hoje exclusivo quasi da sociedade capitalista, se poderá destruir o reino da Força e implantar o do Direito, da Justiça e da Fraternidade.

Propaganda, propaganda! Eis as palavras do prete para a conquista do Futuro.

Paulo Emilio

EM SETUBAL

A crise entre os soldadores

E' dolorosa a situação dos operários soldadores! Desde há muito vêm lutando com uma enorme crise, devido à invasão da máquina, que se tem introduzido na indústria das conservas, atirando para a miséria, centenas de operários soldadores. Alguns industriais ainda têm ao serviço um pequeno número de soldadores nas secções de vazio e outros soldando tiras, quando aqueles muito bem o entendem. Em diversas fabricas trabalha-se 2 e 3 dias por semana e noutras nem um dia.

Pois, apesar disto os industriais, pretendem obrigar os soldadores a trabalhar aos domingos, sucedendo quando os operários se recusam a isso, serem ameaçados com o despedimento. Como se pode tolerar esta imposição se os industriais não dão trabalho nos outros dias da semana e só se lembram do domingo para tal? Mas, além disso, há leis que regularizam o trabalho, não permitindo a sua execução ao domingo e, nos outros dias, por mais de 8 horas. Por isso se impõe uma actividade, de modo a impedir que os industriais tenham arremetidas semelhantes.

Que os operários soldadores saibam compreender que da sua acção depende o seu relativo bem-estar. Não devem ceder às imposições dos industriais. Devem, antes, evitar que a fome invada o seu lar exigindo trabalho para todos, começando por não trabalhar mais do que determina a actual jornada.

G. A. I.

Ama a tua liberdade...

Ama a tua liberdade, irmão, e cultivá-a como a flor mais preciosa do teu espírito. Ama a tua liberdade não com o sentimento egoísta da fera do bosque, que há em ti, disposta a defendê-la e a impô-la aos outros, às dentadas.

Ama a tua liberdade, sim irmão, mas honra, respeita, o mais sagrado, a liberdade dos demais.

Unicamente assim serás formado e digno.

Aprende a cultivar-te na independência moral e não te deixas nunca prender às correntes do dogma nem com as cintas rodadas da dissimulação ou da hipocrisia. Persevera na tua obra entusiasticamente com a serenidade daquele que sabe dar valor às coisas grandes e dignas.

Ama a tua liberdade e aprende nela a ser sereno; a julgar tens irmãos de rua ou enfrentá-los com imparcialidade e justiça. Nunca te deixes levar nem pelas opiniões contrárias ao teu espírito nem pelos impulsos.

Sê tranqüilo e enérgico. E sobretudo não esqueças nunca que dos fracassos não reza a história.

EM UNHAIS DA SERRA

Os operários têxteis reclamam aumento de salário

Os operários têxteis de Unhais da Serra não podiam suportar por mais tempo a sua situação de miséria. Os seus exíguos e ridículos salários não se elevavam a mais de 8\$00 em 10 horas de trabalho os dos homens, e os das mulheres e menores no mesmo número de horas, a 4\$00, chegando a ser de 5\$00 os dos homens e 2\$00 os das mulheres ou menores. Por isso resolveram avistar-se com os patrões e solicitar deles um aumento que lhes nivelasse o salário aos dos seus camaradas da Covilhã, visto que tendo iguais deveres, tinham, impreterivelmente, também, iguais direitos.

Toda a gente de sentimentos e bom senso compreendia a justiça da reclamação, porque é humano desejar mais uns míseros centavos para evitar que a tuberculose ceife as suas vidas e as dos seus. Reclamar para mitigar a fome não é nenhum crime; é uma obrigação, um dever que se impõe.

Porque não o compreenderam assim os patrões? Seria por não terem lucros? Cremos que não. Estes senhores, na qualidade de industriais, estão em condições mais vantajosas do que os seus colegas da Covilhã, e estes podem dar os salários que são reclamados pelos nossos camaradas de Unhais. Então porque é que não atendem os operários na sua petição? Porque não querem! Porque não conhecem, a-pesar-de entre eles haver um padre, a máxima de Cristo: «Não façam aos outros o que não queres que a ti te façam». Se a conhecessem reconheceriam a justiça que assiste aos têxteis e a necessidade que eles têm em ganhar mais alguma coisa para não morrer à míngua de recursos.

A ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

recomenda a leitura de «A Batalha» e «Vanguarda Operária»

Pela Construção Civil

(Continuação da página central)

de mais esta modalidade da exploração patronal. Com esta acção bastante se tem conseguido, conquanto só a força das circunstâncias nos tivessem forçado a lançar mão de tal recurso, sem o qual amanhã nos veríamos na contingência de, se quizessemos trabalhar, a ter de o fazer de sol a sol. Para tal se preparavam os nossos exploradores, no desejo sempre crescente de arrancar à classe operária aquelas regalias que com tanto sacrifício tem sabido alcançar.

A organização operária tem na «Vanguarda Operária» seu porta-voz no Norte.

Na revista mensal de ciência, sociologia e arte —

«AURORA»

encontra-se, em todos os números, leitura útil ao estudioso

Actividade capitalista e actividade operária

O capitalismo desenvolve-se no sentido duma maior capacidade do seu poder económico, político e moral. Na actualidade o seu domínio chega a toda a parte, em toda a parte faz sentir os seus nocivos efeitos.

Aqui são mais uns milhares de trabalhadores atirados para a miséria, porque o seu capricho o ordena (no dia seguinte trabalha-se 10 e 12 horas). Ali o desenvolvimento da racionalização atira para a situação de desempregados, inúmeros trabalhadores.

Que fazer? É a pergunta angustiante, que anda nos lábios de todos e na boca da companhia e dos filhos, se manifesta pelo rictus pavoroso da fome.

Que fazer?

Reclamar jornada de trabalho menor, partindo do princípio de que ela, em qualquer trabalho, não deve ir além de seis horas;

Exigir um aumento de salários correspondente ao custo da vida, procurando fixar um sistema de remuneração com uma base mínima;

Estabelecer um controle na produção, de maneira a equilibrar esta com o consumo, e a não permitir aglomeração, devendo no caso de haver indícios dela, reduzir imediatamente a laboração às horas necessárias;

Fazer pressão sobre as empresas industriais para admitirem mais pessoal, antecedendo essa pressão dos necessários esclarecimentos, para demonstrar as vantagens duma tal admissão;

Coordenar nas organizações centrais toda a actividade tendente ao atenuamento da crise, dando homogeneidade ao movimento promelhorias imediatas e pró-emancipação integral.

Eis algumas das medidas que respondem à angustiante pergunta: — «Que fazer?».

O cumprimento da jornada de trabalho

Uma comissão de operários da Industria Têxtil de Castanheira de Pera, acompanhada dum delegado da Comissão Inter-Federal, entregou ao Sr. Sub-Secretário de Estado das Finanças uma exposição sobre a crise de trabalho que afecta aquela região, pedindo providências sobre o desrespeito da lei do horário de trabalho, pois que os operários são obrigados a trabalhar de sol a sol por um salário que a maior parte das vezes não excede 8\$00.

Foi prometido interessarem-se pelo assunto, indo providenciar-se no sentido de não ser permitido o trabalho executado por um período de tempo superior ao determinado na lei.

Recomendamos a todos os camaradas que tenham de tratar qualquer assunto com a administração e redacção de «A Batalha», que se dirijam em correspondência — quando doutro modo seja impossível — para o PAR-TADO N.º 329 — Lisboa. Também recomendamos que toda a correspondência, pedindo modificação nas remessas de jornais, deve estar aqui na ante-véspera do dia da saída do jornal.

Solidariedade

Pró-Mineiros

Um grupo de rapazes do Grupo Dramático Solidariedade Operária acaba de se constituir em comissão, para levar a efeito muito brevemente uma série de espectáculos, cujo produto líquido terá por fim minorar, em parte, a péssima situação de miséria em que se debatem os trabalhadores do sub-solo.

Para que o fim a atingir tome mais amplitude, vão enviar a todos os organismos operários uma circular, convidando-os a enviar um delegado que terá por fim auxiliar e controlar os trabalhos desta comissão.

O AMOR

O amor é fecundo. Sim, já o sabemos. Admiramos, porém, a fecundidade do ódio. O amor autêntico tende para o platonismo e, com frequência, a luxúria encadeia um homem e uma mulher que se odeiam. Quantos podem afirmar: — «meus pais odiavam-se, porém nasci».

Todos os que trabalham para não morrer, ou seja os quatro quintos da humanidade, odeiam a morte, o patrão, o capataz, o proprietário, o chefe, o negreiro.

O trabalho está cheio de ódio. Sobre o ódio está cimentada a civilização moderna.

Rafael Barreto

MARCO POSTAL

Castelo Branco — Vilhena — O que mandaste não pôde sair.

Silves — Sequeira — Idem.

Aljustrel — Mineiros — Idem.

Coimbra — A. Domingos — Recebemos carta e 5\$00; entendido.

Ponte de Sôr — Sardinha — Recebemos e agradecemos a lista de assinantes. Seguiram os n.ºs anteriores para os novos. Daqui em diante, fica regularizado como indica.

Porto — F. Ferrão — Os nossos agradecimentos pelos novos assinantes. Convém saber os nomes das pessoas que se queixam de não receber o jornal.

Alentejo — António Joaquim Dias. — Recebemos 9\$00. Entendido e de acordo.

O homem é rofineiro

Que rotineiro é o homem! Como lhe pesam as cadeias do passado! Caminha para diante, na verdade, mas tórpego, virando a cabeça para trás.

Está tão amarrada ao passado, aos seus costumes, que lhe parece um sonho poder desenvolver-se num plano de completa liberdade...

Mais que um sonho, isso parece-lhe impossível!

Por isso não é raro encontrar entre os homens que simpatizam com as nossas ideias de liberdade, pessoas que nos perguntam por caminhos, que exigem leis, «estatutos» da futura sociedade anarquista.

Estão tão amarrados ao erro, que lhes parece impossível poderem desenvolver-se sem mais códigos que a superação moral dos indivíduos.

Pedro Godoy

Acção reconstrutiva

(Continuação da 1.ª página)

nas federações, nas Câmaras e Uniões locais e estas na Central.

A acção isolada e tantas vezes contraditória duns sindicatos em relação a outros da mesma indústria, as reclamações dispare das dumas indústrias em relação a outras afins, são um contrasenso e resultam em pura perda.

Noutros tempos a unidade de acção não era tão necessária. Era no tempo em que a indústria estava por assim dizer dispersa pela luta de concorrência entre o próprio patronato.

Hoje, não. As indústrias tendem a concentrar-se. E se em Portugal este fenómeno não se apresenta tão claramente, pela quasi carência da grande indústria, nem por isso deixa de concentrar-se o elemento patronal, conluindo-se para uma maior homogeneidade na sua acção de defesa dos seus privilégios de classe e de ataque, geral e simultâneo às regalias do proletariado.

Haja em vista o que sucede com os salários e com o horário de trabalho — para não citar outros acontecimentos de nota,

Temos o trabalho de reconquista, posto que já nada se pode esperar da munificência de quem quer que seja. E temos toda a demais acção a exercer tendente ao levantamento moral, intelectual e material coincidente com as sempre crescentes necessidades de toda a família trabalhadora.

Toda esta acção tem que obedecer a uma tática que resulte do entendimento dos sindicatos, dentro, cada um, das respectivas Federações, órgãos coordenadores da acção do proletariado de cada indústria, em cada localidade ou no país, pela Confederação.

Tudo isto nos parece intuitivo e já há muito compreendido. Mas nunca é demais insistir, especialmente neste momento de reconstrução dos órgãos sindicais.

O DERIVATIVO

Logo nos primeiros anos da República, tinha-se produzido entre patricios e plebeus uma rutura completa. Embora fartos de opressão, os plebeus não se tinham revoltado, mas tinham feito parêde, saindo da cidade e retirando-se para o monte Aven-tino, depois ainda para mais longe, para o monte Sagrado, do qual ameaçavam fazer com a ajuda dos povos vizinhos, uma cidade de ataque contra Roma.

Os patricios tiveram que parlamentar e, como outros em tal circunstância, recitaram, sob uma forma adequada aos costumes romanos, essa famosa fábula dos *Membros e o Estômago*, que seria duma verdade perfeita, se no corpo social os membros recebessem do estômago os amplos alimentos que lhe são devidos. Por fim, com boas promessas, foram os plebeus reconduzidos para a cidade, conseguindo-se que ficassem meio satisfeitos com concessões políticas, sem que nada se cedesse quanto ao fundo mesmo da questão, pois os pobres ficaram, sem direito à posse da terra. Todavia, a instituição de dois tribunos do povo, magistrados invioláveis, armados do direito de opôr o seu voto a qualquer lei que desagradasse ao povo e até de fazer propôr outras leis por meio de plebiscito, podia vir a ser fatal à aristocracia romana, se ela não tivesse tido o cuidado de se precaver contra esse grande perigo.

Pôs em prática um método, de que sempre se serviram as classes dirigentes ameaçadas, mas que em parte alguma foi aplicado com tanta sequência e êxito como em Roma: alimentar as guerras exteriores que tiravam ao povo o seu escol de rapazes e de homens feitos e desviaram contra o estrangeiro as paixões de ódio e de vingança. Em vez de dar aos proletários, no próprio seio da República, o quinhão igual que eles podiam reclamar, fazia-se brilhar diante deles a embriaguez dos saques futuros.

Eliseu Réclus.

EXPANSÃO DA A. I. T.

A Associação Continental Americana dos Trabalhadores, recebe novas adesões

Realizou-se em Buenos Aires, no mês de Maio de 1929, um congresso do movimento operário libertário do continente americano, no qual foi fundada a Associação Continental Americana dos Trabalhadores, que deu a sua adesão à A. I. T. O primeiro aniversário da sua fundação deu lugar, em Buenos Aires, a uma imponente manifestação pública.

A A. C. A. T. desenvolveu-se notavelmente no primeiro ano da sua existência. Publica actualmente uma revista mensal com artigos e informações valiosas sobre o movimento operário da América, estando nela integradas as seguintes secções:

Argentina: Federación Obrera Regional Argentina; **Bolivia:** Federación Local de la Paz; **Costa Rica:** Agrupación Obrera de Estudios Sociales de San Juan de Costa Rica; **Brasil:** Federações operárias em seis Estados. Organização principal no Rio de Janeiro; **Guatemala:** Comité Accion Sindical; **México:** C. G. T. do México; **Paraguay:** Centro Obrero Regional; **Peru:** Agrupación «La Protesta»; **Uruguay:** Federación Obrera Regional Uruguaya; A sede da Associação Continental Americana de los Trabajadores é: Buenos Aires; Bartolomé Mitre 3270.

Mais recentemente, registaram-se outras adesões, que vieram dar ao movimento operário continental uma unidade maior.

Vejam os:

Na Bolívia

No seu 4.º Congresso regional, realizado durante os dias seis de Agosto e seguintes, a Confederação Boliviana do Trabalho resolveu dar a sua adesão à Associação Continental Americana dos Trabalhadores.

Com esta importante adesão produz-se a integração da imensa maioria das forças organizadas da Bolívia no seio desse organismo continental. Sem maiores detalhes ainda sobre a quantidade de sindicatos que compõem a regional, fazemos constar que, só a Federação Departamental de Oruro, agrupa no seu seio doze organismos. Além disso tem sindicatos mixtos em quatro localidades do departamento: em Uncia, Huamuni, Poopo e Caracollo.

Completem o quadro da organização departamental de Oruro os Conselhos Industriais, que funcionam em dezoito localidades.

Desenvolvem actividades culturais a Escola Dramática «4 de Junho», o Centro Libertário Internacional e o Centro de Estudos Sociais de Oruro.

Com a Federação Operária Local de La Paz, que agrupa no seu seio todas as organizações da capital da Bolívia, excepto um pequeno sector bolchevista, pode afirmar-se que a influência dos ideais e dos métodos de luta da A. I. T. será decisiva sobre o proletariado boliviano.

No Peru

Neste país regista-se também a adesão recente da Sociedade de Operários e Artífices de Abancay. É a primeira organização do Peru que se compenetrou da finalidade social e dos meios de luta da A. C. A. T.

No Peru não existe actualmente um movimento homogeneamente organizado. As organizações que conseguem manter-se estão dispersas, sem nenhuma conexão entre si, e são em escasso número.

Em Cuba

O activo grupo anarquista «Sol» de Camaguez, que desenvolve o seu trabalho de propaganda, apesar da hostilidade do meio ambiente, resolveu aderir à Associação Continental Americana dos Trabalhadores.

Em S. Salvador

Desta pequena república, encravada em plena América Central, onde o reformismo da Federação Americana do Trabalho faz estragos, acaba de receber-se a adesão da União dos Tecelões, que se separou da central reformista, a Federação Regional de Trabalhadores. Tomaram esta mesma atitude os Sindicatos de Sapateiros, Alfaiates e Construção Civil e Barbeiros.

As referidas organizações publicaram colectivamente, um manifesto desmascarando as manobras do bolchevismo e dos dirigentes do reformismo.

Há entre os militantes dessas organizações camaradas anarquistas, motivo por que a A. C. A. T. espera que, ao afastarem-se dos focos de corrupção que para o movimento libertador do operariado representam os partidos políticos, saberão encaminhar-se pelo caminho seguro da acção directa, inspirando-se nas ideias de liberdade integral.

DA MULHER

O trabalho feminino em vários países

No «Bulletin de la Statistique Generale de la France» ocupava-se, recentemente, o escritor M. de Ville-Chambrolle, da importante questão do trabalho feminino nos principais países da Europa e América.

Em opinião do articulista a questão não interessa, somente, desde o ponto de vista industrial. Deve ser estudada, também, em outros aspectos como, por exemplo, o comercial, as profissões liberais, etc. Segundo a estatística internacional, que Ville-Chambrolle estudou, o contingente de mulheres que exercem uma profissão, alcança 40% em França e na Austria; 28 a 30% na Alemanha, Luxemburgo, Dinamarca e Suíça; 25% na Inglaterra e Irlanda; 14% apenas, nos Estados Unidos da América do Norte. Não deixa de ser curioso verificar que na América do Norte, país considerado como padrão do espírito dinâmico, a actividade profissional feminina é inferior à de vários países europeus.

Em todos os países, excepção feita para Inglaterra, as tarefas agrícolas são a ocupação que emprega maior número de mulheres. Em seguida figuram a indústria e os serviços domésticos e, por fim, e comércio e as profissões liberais. No conjunto das profissões não agrícolas, a proporção das mulheres ocupadas, calculada em relação com a população feminina total, mostra uma tendência para um aumento progressivo. Convém notar, a propósito, que o aumento, por outra parte, é menos sensível que a proporção da actividade masculina em relação com a população varonil.

O trabalho feminino, tomando-o no seu conjunto, não significa um prejuízo para o homem, pois não foi reduzido o contingente de homens dedicados à maioria dos ofícios e profissões.

Nas profissões liberais e nos serviços públicos, calcula-se que se encontram empregadas 100 a 150 mulheres por cada 10.000 em França, Alemanha, Suíça, Dinamarca e Estados Unidos. Na Inglaterra, a proporção é maior, estando fixada em 200 por cada 10.000. Observa o articulista que o ensino e o exercício da medicina são as duas profissões em que a proporção de mulheres é mais elevada. Também o é no corpo administrativo, pois no ano passado o número de candidaturas femininas para ingressar na Administração inglesa foi três vezes maior que o dos homens.

Se nos cingirmos à estatística, no conjunto dos núcleos de população industrial propriamente dita, a proporção de mulheres que se dedicam às várias profissões, manufacteiras, de confecção, comércio e trânsito, etc., varia notavelmente segundo os países. Enquanto na Alemanha se encontram 20 mulheres por cada 100 operários industriais, na França elevam-se a 36, estando a maior parte delas dedicadas aos trabalhos de confecção de vestidos.

Em França e na Alemanha muitas indústrias dão, actualmente, lugar a uma espécie de concorrência entre ambos os sexos, especialmente aquelas em que a divisão do trabalho está muito ramificada.

Em conclusão: na maior parte dos países considerados como industriais, o emprego da mulher tende a aumentar. Não são poucas as profissões em que, para os trabalhos de atenção e delicadeza, preferem as mulheres aos homens. Na Alemanha e em França, e o mesmo sucede nos Estados Unidos, aumenta, diariamente, a intervenção feminina nas operações industriais de toda a espécie. Mas os povos que sobrelevam a todos são os países escandinavos, sobretudo Finlândia, onde a actividade da mulher, aplicada à produção adquiriu o maior grau de desenvolvimento. É para notar o facto de aqueles países, em que a mulher é factor de produção, terem alcançado um maior nível de cultura e prosperidade.

No nosso país não há estatísticas sobre o assunto. No entanto não é difícil verificar, mesmo sem elas, que não chegaríamos às mesmas conclusões, pelo menos quanto a cultura e prosperidade.

Os trabalhadores encontrarão nas nossas colunas todas as informações do movimento operário. Têm, portanto, conveniência em lê-lo sempre,

DA ARTE

O abandono a que foi condenada a arte

A cultura artística do proletariado seria, quanto a mim, a arma extremamente bela que o capitalismo veria manejar, mortalmente apavorado.

Já hoje, quando qualquer trabalhador, ao argumentar com um seu contrário, ainda que ilustre, invoca os nomes de Antero de Quatrecasas ou Malhães, a sua argumentação sociológica parece ter para o adversário duplo poder convincente. É que nenhum trabalhador, depois de ter uma razoável cultura artística, deixaria de receber, de procurar e de ensinar, com a sua educação sociológica, quando a não adquirisse simultaneamente, por que o conhecimento da primeira implicava o desejo de conhecer a segunda.

Se nós tivéssemos uma preparação, ainda que restricta, sobre assuntos de ordem artística e intelectual, enfim sobre aqueles que saem fora da órbita do «camarada, viva a revolução», não veríamos apóstolos da arte que eleva as multidões e trata os problemas pelo prisma mais humano, abandonados.

Vejam, como exemplo, o teatrinho Javéna—onde se queria representar teatro puro—que apesar de recomendado nas colunas do *Suplemento da Batalha*, teve de ser fechado porque foram precisamente os operários, aparte raríssimas excepções, quem primou pela sua ausência. E poucos hão-de ser os que não viram a «Ramboia» «Água-pé», «Vinho Novo» e outras coisas que nos passam, a todos, atestados de bebados.

Mais recentemente tivemos o *Globo*, semanário que tão necessário era mesmo a esta classe média portuguesa que blasona de ser ilustrada, mas que também o não é, e que ao fim de alguns meses desapareceu—decerto por falta de leitores que não de colaboradores. E se vemos estes factores de ordem intelectual tão desperdícios não é porque os trabalhadores se entreguem apocadamente aos que são de ordem puramente económica. Se assim fosse mau não era, porque aqueles seriam fatalmente tratados em seguida.

Mas não. Procuram espectáculos que não dignifiquem. Já me referi a toiradas e fadunchos. Mas há ainda outro que bastante prejudica aqueles que têm de amassar o pão que comem com o suor do seu rosto. Refiro-me ao futebol. Este desporto, como lhe chamam, nasceu fora do tempo, e como tal há a necessidade de o meter num frasco de álcool. Não chegou mesmo a atingir os sete meses. E eu digo porque assim o penso.

Haverá alguma pessoa das que trabalham que precise de andar num campo a correr atrás de uma bola dando pontapés na mesma, no ar ou nas canelas dos outros? Maçada sai ela do seu trabalho. E creio bem que o alimento é sempre inferior a metade do que lhe era indispensável para suprir as forças gastas na oficina.

É preciso equilibrar os corpos das posições inestéticas que lhes dão os vários ofícios? Gimnástica, mas essa comedia que o corpo não é de ferro.

Poderá objectar-se que estes desportos violentos devem ser para os que têm uma vida mais ociosa. Mas a ociosidade, neste tempo em que nós vemos, principalmente por essa província fora, crianças de oito e nove anos arrastadas atrás dos pais e das mães ajudando-os em trabalhos bem violentos e velhos de setenta e tal anos ainda a trabalhar—e isto é uma verdade pungente que ainda há bem pouco tempo tive o desprazer de verificar—a ociosidade, dizia, é maior crime que se pode cometer contra o interesse colectivo. E esses criminosos devem ser colocados, na escala da criminalidade, abaixo de todos os Anasíacos Morenos. De resto esses desportistas que a si mesmos se inculcam de tal, devem reconhecer, que vinte e dois homens não podem desenvolver o corpo a vinte mil que assistem ao espectáculo... Espectáculo?

Acaso ao trabalho de *artistas* como aquele que fez o gesto indecente que ofendeu todo o homem: casado, e que com esse gesto afrontou o público, no qual podia estar o seu próprio pai, deve-se considerar espectáculo? Quando assim são os *artistas*, muito baixo deve ser o resultado.

Pelo que se vê, o futebol—e isto apenas como desporto e não como espectáculo e depois de se lhe tirar todo o carácter de competência—é como que umas águas-furtadas que o mestre de obras arranjou antes de ter pensado sequer nos alicerces. Os alicerces é o conhecimento da Cartilha Maternal, e nós temos setenta por cento de analfabetos!

António Vitorino

JORNADA DE TRABALHO

Impõe-se a sua redução. — O que nos diz, a esse respeito, um telegrama

O problema do desemprego cujas raízes se encontram na própria estrutura de sistema capitalista, é o mais grave problema da actualidade. Para ele convergem um sem número de factores, dando-lhe a amplitude e a gravidade que o fenómeno apresenta.

A sua solução ou, pelo menos, o seu alívio não se conseguirá com simplismos, nem a sua natureza, demasiado complexa, se compadece com plataformas espectaculosas cujos efeitos, mesmo materializados, não iriam, de certo, atingir o problema na sua base.

Tanto assim é, que nos países onde o desemprego constitui uma epidemia social, dos mais nefastos efeitos para o proletariado, as soluções do subsidio aos desempregados e do protecção industrial, foram e resultaram tão pueris, que nada restam delas que não seja a demonstração conclusiva de que é necessário enveredar por outro caminho, mais seguro e mais prático.

E, por isso, a Comissão Inter-federal, que tem a seu cargo, como organismo coordenador de toda a acção confederal, a espinhosa incumbência de velar, dentro das possibilidades de momento, pelos interesses do proletariado do país, tem em curso trabalhos que, materializados, atacarão eficientemente a pavorosa crise de trabalho.

Assim como base de combate ao grave problema do desemprego, preconiza a Comissão Inter-federal a fixação duma jornada de trabalho menor que a actual, contrapondo, assim, ao desenvolvimento da racionalização, condições que facultam o maior acesso de trabalhadores à actividade industrial. É esta solução de tal forma indispensável no actual momento, que está ganhando terreno em toda a parte.

Vejam o que diz, a este respeito, um telegrama de Berlim, publicado na imprensa diária:

«BERLIM, 24. — Os sindicatos operários da indústria metalúrgica da região de Berlim estão negociando com as organizações patronais, uma proposta para evitar o desemprego, reduzindo a semana de trabalho a 40 horas, o que permitirá dar emprego a 30.000 desempregados.»

Assim, segundo este telegrama, a supressão de pouco mais que uma hora a cada operário, em actividade, da indústria metalúrgica, dará trabalho a trinta mil operários que estavam até aqui, certamente entregues a condições de vida instáveis, desprovidos dum salário que os ajudasse a caminhar no árduo e martirizante caminho da vida.

Depois do fracasso do falacioso protecção-nismo que o reformismo legalitário reclama contra o desemprego; depois da derrocada conclusiva do pueril e espectacular subsidio aos sem trabalho; depois da falência estrondosa de todas essas panaceias que tem servido de engodo aos trabalhadores — a redução da jornada de trabalho, preconizada pelas organizações revolucionárias dos trabalhadores, é a solução mais digna e mais concreta para combater as pavorosas consequências da racionalização do trabalho.

Por isso as organizações centrais, agrupadas em redor da Associação Internacional dos Trabalhadores têm a luta pela jornada das seis horas como uma das fases mais interessantes da oposição do trabalho contra as forças organizadas do capital.

J. F. Moedas.

A BATALHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

CONTINENTE e ILHAS:

Série de 10 números..... 3\$00

ÁFRICA:

Série de 10 números..... 4\$00

ESTRANGEIRO:

Série de 10 números..... 5\$00

Pagamento adiantado

Toda a correspondência deve ser enviada para o APARTADO n.º 329

A BATALHA

ASSOCIATION INTERNATIONALE DES TRAVAILLEURS
INTERNATIONAL WORKING MEN'S ASSOCIATION
INTERNATIONALE ARBEITER ASSOCIATION
ASSOCIAZIONE INTERNAZIONALE DEI LAVORATORI

VIDA SINDICAL VIDA OPERÁRIA

Comissão Inter-Federal

Na sua última reunião apreciou um ofício da Delegação Confederal acerca da missão desempenhada por um delegado desta Comissão no Porto. Sobre este assunto o mesmo delegado expôs os trabalhos desenvolvidos, verificando-se a firme vontade da organização do norte em trabalhar de acordo com esta Comissão, pró-bustecimento da organização confederal.

Foi apreciada a situação dos mineiros de Aljustrel, obrigados pela empresa a trabalhar 10 e 12 horas enquanto por outro lado vai despedindo centenas de operários.

Sobre as resoluções tomadas por esta Comissão, foi resolvido oficial ao Sindicato Mineiro de Aljustrel.

Tomou-se conhecimento duma exposição dos trabalhadores rurais, em face da calamitosa situação que atravessa. Ponderado o assunto, foi resolvido oficial à Comissão Nacional de Estudos e Defesa dos Trabalhadores Rurais.

Foi apreciada, ainda, correspondência da A. I. T. sobre o próximo Congresso Internacional a realizar em Madrid, no próximo mês de Novembro.

Sessões magnas

Sindicato Único da Construção Civil de Lisboa. — Secção Profissional dos Pintores. — Com grande concorrência de camaradas, associados e não associados, efectuou-se no dia 22 do passado mês, pelas 21 horas, uma sessão magna, na qual foi apreciada uma circular para ser enviada aos mestres e empreiteiros de Pintura. Nela se reclama a quantia de 24\$00 por dia como base de uniformidade de salários, para consequimento dum salário mínimo em harmonia com o custo da vida.

Depois da leitura do documento, e após o Presidente ter elucidado a assembleia dos fins para que a reunião foi convocada, foi dada a palavra ao secretário geral do Sindicato, que se exprou em considerações sobre a justiça da reclamação formulada, pois que não faria sentido que, estando todos os géneros mais necessários à nossa alimentação subindo constantemente, os salários, em vez de acompanharem essa alta de preços, continuem estacionários, ou ainda, com tendências de baixarem por motivo da crise que a indústria atravessa presentemente. Fez sentir a disparidade de ordenados de mestre para mestre, o que classifica de uma flagrante injustiça. Um profissional de qualquer ramo de indústria não pode estar nessa contingência, motivo porque a Federação da Indústria e o Sindicato iniciaram esta reclamação que deve ser apoiada por todos os camaradas da Construção Civil. Apela, ainda, para os camaradas que não sejam sócios da respectiva secção, a fim de ingressarem na mesma para lhe darem a força necessária para poder resolver os problemas que lhe estão entregues. Sem o apoio da massa trabalhadora não se podem solucionar os problemas que a ela interessam.

E' dada, em seguida, a palavra ao camarada José Miranda, que, numa desenvolvida exposição de factos, salienta o que tem sido a acção dispendida pelo Sindicato no sentido de conseguir melhorias para os componentes da Indústria, salientando o facto de que se o organismo não estivesse alerta, era possível que, em vez de trabalharmos, presentemente, apenas 8 horas, tivéssemos de trabalhar 10 ou 12, como foi sempre vontade daqueles que vivem do nosso suor, e não nos querem reconhecer o direito de existência.

Em seguida, é dada a palavra a Francisco de Campos Pinho, que diz concordar plenamente com a circular apresentada, bem como com as palavras produzidas pelos camaradas Coelho e Miranda.

A sessão foi encerrada depois de aprovada a circular. Inscreveram-se muitos operários como sócios da secção.

Secção Profissional dos Carpinteiros. — Com bastante concorrência, também, se realizou em 23 de Setembro, pelas 21 horas, uma sessão magna, nesta secção.

Pelo camarada Presidente, em poucas palavras, foi revelado o fim daquela reunião.

Lida a circular da Federação da Indústria, na qual é salientada a acção que a mesma pretende levar a efeito, não só em Lisboa como em todo o país, e apreciado outro expediente, o camarada Alberto Dias, como membro da Comissão de Estudos, começa por dizer que, na última assembleia geral da Classe, foi nomeado conjuntamente com mais outros camaradas para estudarem o assunto «salário mínimo», devendo trazer a esta reunião os resultados desse estudo. Isso não é necessário, porque esses resultados estão consubstanciados na circular que se acaba de ouvir ler. Devo declarar que ainda não é tudo o que devíamos reclamar dos nossos exploradores. A vida financeira dos trabalhadores, mesmo que a sua família seja composta de casal e dois filhos, é uma verdadeira tragédia. Os salários que se auferem a nada chegam, quando se enfrenta o custo da vida. E isto é apenas numa família de 4 pessoas. Nas casas onde a família é de 6 ou 7 pessoas, a desgraça avoluma-se. Vistas bem as coisas o que agora exigimos não é demais em relação ao que de direito nos pertence.

E' dada a palavra ao camarada Alfredo Lopes, secretário geral da Federação, que diz congratular-se com a assistência, porquanto não sendo aquilo que devia ser, é alguma coisa em face da indiferença da maioria dos camaradas daquela indústria. Cita vários trabalhos levados à prática pela Federação, que sempre se tem preocupado com o desenvolvimento orgânico dos sindicatos, tendo-lhe dado sempre todo o seu apoio moral, sendo agradável verificar que as secções profissionais do Sindicato, de que também é componente, souberam compreender o momento que passa. Todas se têm movimentado, o que demonstra a boa vontade que existe em ver o Sindicato ao nível em que esteve anteriormente. Expraiase em considerações sobre os diversos aspectos da luta de classes, terminando por fazer votos para que todos os carpinteiros ingressem na sua secção profissional, para lhe dar o alento de que tanto necessita.

Segue-se no uso da palavra o camarada José Miranda, como delegado da Comissão de Estudos, que apresenta os seus pontos de vista, abordando as conquistas que o organismo tem conseguido, como sejam a isenção da contribuição industrial durante 15 anos para as propriedades que se estão construindo presentemente, assim como a diminuição do imposto ciza de 1 por cento na primeira venda de propriedades. Tudo isto, e muito mais coisas que temos reclamado da Câmara tem atraído capital à construção. Se não fora isto, a crise que se atravessa, sendo grande, seria, então, muito maior. Alonga-se em várias considerações de ordem moral, e termina por fazer votos para que todos se associem.

Em seguida, usa da palavra o secretário do Sindicato, que diz congratular-se com o número presente de camaradas à sessão. Depois de se cingir ao assunto em discussão diz ser bom sinal a acção que presentemente o Sindicato e Federação desenvolvem, pois já vai verificando que os camaradas se interessam pelos assuntos que lhe dizem respeito. Diz que se pretende já especular com as justas reclamações que os operários da Construção Civil, pois que para desvirtuar o movimento que estamos realizando já se começa a dizer que a construção civil vai para a greve. Ora, como nós não queremos fazer fretes seja a quem for, e para provar que presentemente não pensamos em tal, lê a cópia do ofício enviado ao sr. Governador Civil, acompanhado da circular que foi enviada aos mestres de obras. Faz mais algumas considerações e termina por dizer que o horário não é respeitado por culpa dos próprios operários que o desrespeitam em seu prejuízo e dos restantes camaradas.

Os pontos de vista contidos na circular foram aprovados.

Secção Profissional de Serventes de Pedreiro e Estucador. — Também nesta secção se realizou uma sessão magna para tratar

da uniformização dos salários. Falaram vários componentes da classe, sendo aprovada uma moção, onde se reclama, como base mínima de salário, a quantia de 19\$00 diários. A sessão terminou no meio do maior entusiasmo.

Secção Sindical de Palma e arredores. — Para apreciar o movimento encetado pelo Sindicato sobre uniformidade de salários para os componentes das diversas classes da Indústria, reúne esta secção em sessão magna de todos os operários da Construção Civil, na próxima quinta-feira, 9 do corrente, pelas 21 horas.

A esta reunião assistem delegados do Sindicato e Federação.

Secção Profissional dos Serventes. — Com grande concorrência, realizou-se em 24 de Setembro, uma sessão magna dos componentes desta classe, para resolver sobre a acção que a Secção dos Serventes deve desenvolver, no sentido de reclamar-se das entidades que exploram a Indústria da Construção Civil, a fixação dum salário uniforme, de forma a pôr-se um travão à desenfreada exploração de que está sendo vítima a numerosa Classe do Serventes. Sobre este importantíssimo assunto falaram os membros da Comissão, nomeada pela secção para dar o seu parecer. Apresentou essa Comissão uma desenvolvida moção, na qual salienta a situação de miséria com que luta a classe dos serventes, em virtude dos irrisórios salários que auferem, que variam de 12\$00 a 15\$00 com excepção do Conselho Técnico de Indústria onde os salários de serventes, são de 17\$50. Nos considerando seguintes, demonstra a completa impossibilidade de poder viver-se com tão irrisórios salários.

Conclui a moção por preconizar o envio duma circular a todos os construtores civis e mestres de obras, reclamando como base mínima, para a uniformidade de salários, 19\$00 para serventes, e 16\$00 para caeiros. Em seguida é pelo camarada que presidia lida a circular da Federação que aconselha os sindicatos sobre a acção a desenvolver no sentido da uniformidade de salários, seguindo-se no uso da palavra o delegado do Sindicato Único, vários outros camaradas e o secretário da Federação.

Todos os oradores se referiram largamente à importância da reclamação a formular porquanto a actual situação é de todo insustentável, sendo feita a apologia da organização sindical operária, salientando-se a necessidade de todos os trabalhadores ingressarem nos seus sindicatos, pois que só assim poderão conquistar uma melhor situação do que aquela em que presentemente vivem.

Foi elucidada a assistência sobre os trabalhos realizados pela Federação e Sindicato Único, no sentido do atenuamento da crise de trabalho e defesa do horário, congratulando-se a assistência com os resultados obtidos.

Comunicados

Sindicato do Pessoal de Câmaras da Marinha Mercante Portuguesa — Lisboa. — Reuniu a assembleia geral desta classe, tendo ventilado diversos assuntos de interesse geral, especialmente as «démarches» que tem realizado junto do director da Companhia Nacional de Navegação para admissão do pessoal associado. Foi resolvido dar plenos poderes ao delegado e comissão que trata do assunto, para poder prosseguir nas «démarches» da maneira mais em harmonia com os interesses da classe.

Sindicato dos Manufactores de Calçado. — Para continuação dos trabalhos, reúne hoje esta classe em assembleia geral, pelas 21 horas.

Sindicato dos Encadernadores e Anexos. — Reuniu a Comissão Administrativa juntamente com um delegado da Federação dos Trabalhadores do Livro, do Jornal e Similares que apreciou o estado em que se encontra a classe, resolvendo iniciar trabalhos tendentes a interessar a classe não associada, na vida do Sindicato,

Os operários litógrafos sabem o que querem. Necessitam apenas de voltar a ter a vitalidade, que pouco a pouco se extinguiu.

Alguém, nas colunas do órgão operário, veio pôr em confronto, e muito bem, o desagregamento que se verifica nas fileiras dos operários da indústria litográfica. Observa-se um declínio acentuado para o comodismo, o que se me afigura ser o suficiente para merecer atenção, parecendo que os operários litógrafos perderam aquela homogeneidade que faz com que os indivíduos dum momento para o outro se reúnam e lutem. Contudo se procedermos a uma conscienciosa observação dos factos, verifica-se logo, que as causas do abandono sindical estão na razão directa da acção dos militantes, para com a massa, e não desta para com estes.

Apenas há portanto necessidade de chamamento às fileiras sindicais dos componentes da classe, devendo esta acção ser acompanhada dum trabalho mais continuado dentro da colectividade.

Parece-me que a crise é mais interna do que externa, sendo notório que os camaradas, poucos na verdade, que ainda se conservam à frente do organismo, por motivos vários não têm dado uma vida regular ao sindicato, não dando há mais de 3 anos assembleias.

Por consequência embora seja duma acertada medida a propaganda oficial, devemos, como preparativo de reorganização, partir do chamamento de militantes à actividade do sindicato.

Sabido é que a classe litográfica de Lisboa marcou, e há-de continuar a marcar na organização operária. No entanto é conveniente olhar-se um pouco para trás e ver que alguns militantes, poriferadas que se encontram ainda abertas, causadas pelo fenómeno psicológico que se atravessa, não se encontram no seu lugar.

Esses camaradas não têm o direito de permanecer na sua atitude, porque as responsabilidades das afirmações passadas ainda se ouvem dentro dos lugares de trabalho. O seu posto é na actividade sindical, trabalhando por um futuro melhor para a classe litográfica. Eis porque eu alvito para que a direcção da Associação dos Litógrafos e Anexos de Lisboa convoque antes de tudo uma reunião de militantes, onde os problemas da actualidade sejam ventilados. Temos de facto uma grande tarefa externa a executar, e mais do que nunca de uma complexidade que é de molde a exigir uma atenção cuidada.

Um operário litógrafo da região do sul.

NO MEXICO

Liberado Rivera apareceu. Um grupo feminino que se organiza

Informou o jornal *La Protesta* que Liberado Rivera, o velho e tenaz militante anarquista mexicano, encanecido na luta pela liberdade e justiça, depois de ter sido sequestrado pelos sicários, que tão despoticamente governam aquele país, e passado grandes perigos e penalidades, se encontra outra vez na cidade do México.

Todos os que se interessavam pela sorte de Liberado Rivera ficaram mais tranqüilos ao receber tal notícia.

* * *

Constituiu-se em Vila Cecilia, Tamps, México um grupo feminino libertário intitulado «Margaride Ortega», que se propõe trabalhar pela educação do seu sexo, para que as mulheres participem directamente na luta que a classe deserdada sustenta com as cartas parasitárias.

O grupo resolveu também fazer um apelo a todas as mães, filhas, noivas e esposas, para que protestem contra o procedimento do governador do distrito Norte da Baixa Califórnia que deportou para as «Ilhas Marianas» 19 trabalhadores, acompanhado de suas mulheres e filhos.